

# RELAÇÕES ENTRE A RESPOSTA DE ANSIEDADE DE PAIS E MÃES E A REPOSTA DE ANSIEDADE DE SEUS FILHOS

## RELATIONSHIP BETWEEN PARENTS' AND CHILDREN'S ANXIETY

Célia Regina Rangel NASCIMENTO<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

### RESUMO

*Este estudo investigou a relação entre as respostas de ansiedade de pais e as respostas de ansiedade de seus filhos, considerando a possibilidade de diferenças de gênero e faixa etária dos filhos nesta relação. Participaram deste estudo 50 crianças e 49 adolescentes, de ambos os sexos, alunos de escolas estaduais de Porto Alegre, e seus pais e mães. Para avaliar a ansiedade das crianças, foi aplicado o Inventário de Ansiedade-traço-Estado para Crianças (IDATE-C). Nos adolescentes, nos pais e nas mães foi aplicado o Inventário de Ansiedade-traço-Estado (IDATE). Foram feitas correlações de Pearson para verificar as relações entre a ansiedade-traço e estados dos filhos com a ansiedade-traço e estado de seus pais. Os resultados sugerem haver relação entre as respostas de ansiedade dos pais e filhos nas amostras, com diferenças em relação ao gênero e a faixa etária dos filhos.*

**Palavras chave:** *Ansiedade e desenvolvimento, pais e filhos, modelação.*

---

<sup>(1)</sup> Correspondência para a autora: Rua Alziro Zarur, 60 apto 307 - Edifício Caravelas/ PRU-IV - Bairro Jardim da Penha - Vitória-ES CEP 29060-350

Correspondência do Editor para a autora: Rua Alziro Zarur, 60 apto 307 - Edifício Caravelas/ PRU-IV - Bairro Jardim da Penha - Vitória-ES CEP 29060-350

Fone: XXX (21) 314-1906 - Endereço eletrônico: celiarrn@bol.com.br

Atualização de afiliação institucional: Professora do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento da Universidade Federal do Espírito Santo.

End: Av. Fernando Ferrari, s/n , Vitória-ES, cep:29060-900 Fone: (21) 335-2505

Artigo derivado de dissertação de mestrado em Psicologia do Desenvolvimento na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com orientação da Prof. Dr. Ângela Maria Brasil Biaggio e apoio financeiro da CAPES.

Título: Relações entre as respostas de ansiedade de pais e filhos

Autora: Célia Regina Rangel Nascimento - Professora do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento da Universidade Federal do Espírito Santo.

## ABSTRACT

*This study investigated the relationship between parents' and children's anxiety, taking into consideration gender and children's age group differences in this relationship. Subjects were 50 children and 49 adolescents of both sexes, students of state schools of Porto Alegre, and their parents. To evaluate children's anxiety, the translated Spielberger's State-Trait Anxiety Inventory for Children was administered. The State-Trait Anxiety Inventory was used with the adolescents and the parents. Pearson's correlations were used to verify the relationships between parents' and children's state-trait anxiety. The results suggest there are relationships between parent's and children's anxiety in these samples, with differences in relation to gender and children's age group.*

**Key words:** *anxiety and development, children and parents, modelation.*

## INTRODUÇÃO

Pela sua importância no desenvolvimento infantil e na vida adulta vários estados emocionais vêm sendo estudados por pesquisadores da áreas de saúde. Entre as várias respostas emocionais que despertam o interesse dos pesquisadores está a ansiedade. Compreendida como sendo uma reação de defesa, que deve preparar o organismo para lutar ou fugir diante de possíveis ameaças, adquire maior complexidade no homem por ser desencadeada também por processos psicológicos. Segundo May (1977), essa reação originalmente tinha o objetivo de proteger o homem primitivo de perigos concretos do seu meio. Porém, na sociedade atual, a ansiedade é principalmente uma reação a estados psicológicos, sendo a ameaça resultado de processos internos, embora os mecanismos de reação fisiológica permaneçam os mesmos. A ansiedade no homem pode tanto ser considerada como motivadora diante do novo, como estar relacionada a distúrbios psicopatológicos e psicossomáticos, despertando o interesse para maior compreensão de seus processos e desenvolvimento.

Segundo Techman, Rafael e Gilaie (1990), poucos estudos têm investigado questões de desenvolvimento e etiologia da ansiedade.

Grande parte dos pesquisadores consideram que embora fatores hereditários devam ter um papel no desenvolvimento da ansiedade, fatores psicológicos adicionais também estão envolvidos e devem ser melhor investigados. De acordo com resultados de pesquisa Gustavsson, Pedersen, Asberg e Schalling (1996) observaram que multifatores estão associados à propensão à ansiedade, onde estão incluídos uma dimensão cognitivo social, que reflete a propensão à ansiedade num contexto interpessoal, e uma dimensão de tensão nervosa e estresse, que reflete um contexto biológico da propensão à ansiedade.

Neste estudo, ao investigar a relação entre a ansiedade de filhos e a ansiedade de seus pais e mães, foi enfatizada a dimensão interpessoal envolvida na propensão à ansiedade. De acordo com Kashani, Vaydia, Soltys, Dandoy, Katz e Reid (1990) há aumento de evidências que sugerem que estados de ansiedade adulta são provavelmente pré-existent na infância. Os autores observaram em seus estudos sobre o desenvolvimento da ansiedade que há associação entre a ansiedade das crianças e a ansiedade de seus pais e mães. Lipp (1989) considera que a vulnerabilidade do indivíduo ao estresse está relacionada a características adquiridas durante o desenvolvimento da pessoa, como o jeito de lidar com o ambiente e a ansiedade. Ela

acrescenta que os pais exercem um importante papel neste sentido, tanto em termos de hereditariedade, como de aprendizagem, uma vez que os pais contribuem para o desenvolvimento dessas características pessoais que podem torná-los mais ou menos aptos a lidar com situações estressantes.

Nas pesquisas e tentativas de mensuração da ansiedade, Spielberger (1972) considera que se deve distinguir entre estados transitórios de ansiedade, como estados de ansiedade, e diferenças individuais de propensão à ansiedade, como traço de personalidade. De acordo com pesquisa de Gustavsson, Pedersen, Asberg e Schalling (1996), uma dimensão cognitiva-social de propensão à ansiedade é comparável ao conceito de Traço de ansiedade de Spielberger, que é consistente com sua sugestão de uma abordagem de estilo parental como possível causa de propensão à ansiedade em crianças. Segundo este autor um estado de ansiedade é definido como a intensidade do sentimento subjetivo de tensão, apreensão, nervosismo e medo que é experimentado por um indivíduo em determinado momento, e pelo aumento de atividade do sistema nervoso autônomo que acompanha estes sentimentos. O traço de ansiedade é definido como sendo uma relativa estabilidade individual na predisposição para a ansiedade, que será manifestada em comportamento, e que reflete diferenças individuais na intensidade e frequência da elevação do estado de ansiedade no decorrer do tempo. Spielberger considera que as experiências infantis e as relações pais-filhos influenciam o desenvolvimento das diferenças individuais na constituição da ansiedade-traço.

Bandura e Walters (1963), na Teoria da Aprendizagem Social, também consideram que o desenvolvimento emocional da criança está associado à relação pais-filhos. Estes autores apontam que, durante a infância, o conjunto de modelos reais disponíveis é principalmente a família, particularmente os pais, que segundo eles são os primeiros

fornecedores de gratificações biológicas e condicionais à criança e os primeiros modelos de identificação. A identificação, segundo esses autores, se refere ao fenômeno comportamental que indica a tendência de uma pessoa em reproduzir comportamentos, atitudes ou respostas emocionais de modelos reais ou simbólicos. De acordo com Biaggio (1988) o constructo "identificação" tem um importante papel nas teorias de desenvolvimento da personalidade. A autora enfatiza que, através da identificação a criança assimila valores culturais necessários para que ela assuma seu papel na sociedade.

A Teoria da Aprendizagem Social, considera que as respostas emocionais além de serem aprendidas pela experiência direta, também são adquiridas por observação. O medo, por exemplo, pode aparecer não pela experiência pessoal, mas por ver um outro responder com medo a uma situação ou objeto ameaçador. Desta forma expressões de emoções de um modelo através da voz, postura ou face, são emocionalmente provocadoras para observadores, na aprendizagem baseada na observação (Bandura, 1977). De acordo com esta teoria a resposta de ansiedade e comportamentos defensivos, assim como outras emoções, podem ser desenvolvidas desta forma.

Pesquisas que buscaram investigar o papel do modelo adulto no desenvolvimento de respostas emocionais de crianças confirmam essa visão, seus resultados sugerem que o desenvolvimento de respostas de ansiedade e medo são mediados pela modelação, onde os principais modelos são os pais. Kashani, Vaydia, Soltys, Dandoy, Katz e Reid (1990) procuraram identificar e quantificar a severidade da ansiedade em um grupo de 100 crianças entre 7 e 12 anos, hospitalizadas em uma clínica psiquiátrica, estudando também as características dos pais das crianças. Foram verificadas significativas relações entre a ansiedade dos pais e mães e a ansiedade das crianças. Os autores apontam que, embora

não sejam determinadas relações causais, os resultados sugerem uma relação entre componentes familiares disfuncionais e a ansiedade familiar. É salientado a importância da dinâmica familiar, como uma influência na capacidade de ajuste da criança.

Muris, Steerneman, Merckelbach e Meester (1996) investigaram a contribuição da modelação parental para o desenvolvimento do medo nos filhos, investigando também a relação entre ansiedade de pais e filhos. De acordo com eles as pesquisas têm demonstrado que a maioria das crianças atribui a causa de seus medos à modelação e aos processos de informação e aprendizagem., sendo os pais e mães os principais modelos da criança. Participaram de seu estudo 40 crianças, de ambos os sexos, e seus pais e mães. Foi observado que a ansiedade-traço dos filhos se correlacionou positivamente tanto com a ansiedade-traço da mãe como do pai, e que o medo dos filhos se correlacionou positivamente ao medo da mãe. Verificou-se ainda que filhos de mães que costumam expressar seus medos têm maiores escores de medo, e que filhos de mães que nunca expressam seus medos têm menores escores de medo do que filhos de mães que expressam seus medos às vezes. Os resultados demonstraram ainda que o medo diminui com a idade. Os autores explicam seus resultados considerando que o processo de referência social tem um papel no desenvolvimento do medo na criança. A referência social da criança, de onde ela adquire informação emocional sobre situações ameaçadoras e desconhecidas, vem de seus cuidadores.

Capps, Sigman, Sena e Henker (1996) investigaram, mais diretamente, a influência dos pais ansiosos na resposta de ansiedade dos filhos. As autoras consideram que crianças de pais ansiosos parecem ser mais ansiosos e medrosos, que as crianças de pais não ansiosos, e que a exposição a pais com desordens de ansiedade, predispõe a criança a desenvolver a ansiedade por modelação. Em

sua pesquisa sobre Medo, Ansiedade e Controle Percebido em Crianças de Pais Agorafóbicos, os resultados indicaram que crianças de pais agorafóbicos são mais ansiosas, e mais propensas a desordens de ansiedade, que as de pais que não sofrem de nenhum tipo de distúrbio, e que filhos de pais agorafóbicos são mais medrosos e menos otimistas. Os resultados sugerem também que mães com maiores níveis de ansiedade de separação têm filhos com menores níveis de controle percebido do que crianças de mães com menores níveis de ansiedade de separação, tanto para o grupo experimental como para o grupo controle. Segundo as autoras seus resultados sugerem que a modelação contribui para a perpetuação da ansiedade em famílias.

Techman, Rafael e Gilaie (1990) também enfatizam a importância da investigação da influência do modelo adulto na experiência de ansiedade em crianças, por estarem elas permanentemente expostas aos adultos, durante os períodos de maior dependência e ao longo de seu desenvolvimento. Em um primeiro estudo as autoras observaram com o Inventário de Ansiedade Traço-Estado de Spielberger (1983) os efeitos da ansiedade traço - e da observação de um modelo ansioso e de um modelo calmo, apresentados através de dois filmes, na ansiedade estado de 64 crianças, de 11 a 12 anos, do sexo feminino. Os resultados indicam que tanto as crianças com traço de ansiedade alta, como as de traço de ansiedade baixa, experimentam aumento significativo na ansiedade estado ( $p < 0,05$ ), quando expostas ao modelo ansioso, enquanto o nível de ansiedade estado das crianças expostas ao modelo calmo, não tem aumento significativo. Em um segundo estudo Techman, Rafael e Gilaie (1990) observaram os efeitos da ansiedade parental em 60 crianças hospitalizadas, com idades entre 6 e 12 anos, de ambos os sexos, com ansiedade traço alta e baixa. Os resultados sugerem que a ansiedade-estado das crianças é influenciada

pela percepção que elas têm da ansiedade dos pais. Tanto as crianças com ansiedade-traço baixa, como as com ansiedade-traço alta, tiveram escores significativamente mais altos na ansiedade-estado, quando percebiam os pais mais ansiosos. Particularmente neste estudo, foi verificado que as crianças com ansiedade traço mais alta, foram mais influenciadas pelo ambiente, tendo a ansiedade-estado baixa quando percebiam os pais calmos, e bastante elevada quando percebiam os pais ansiosos. De acordo com as autoras os resultados de suas pesquisas mostram que a ansiedade das crianças é influenciada pela ansiedade dos adultos de quem elas estão próximas, e que expondo as crianças a adultos ansiosos, há um aumento significativo no seu estado de ansiedade.

Outras pesquisas mostram ainda que existem diferenças de gênero na expressão emocional e que a modelação e a socialização das emoções das crianças pelos pais e mães são influenciadas pela faixa etária da criança e pelo gênero. Dutton, Welb e Ryan, (1994) em pesquisa sobre expressão emocional diante de conflitos familiares, observaram que mulheres têm medidas de respostas emocionais, como ansiedade, raiva e irritação mais altas, e que homens reagem com mais agressividade enquanto as mulheres reagem com mais ansiedade diante de provocações. Garner, Robertson e Smith (1997) afirmam que pais agem diferentemente em relação a meninos e meninas quanto à expressão emocional e às estratégias de socialização. Os autores em pesquisa com 82 crianças de 4ª à 5ª série verificaram que as mães são mais afetivamente positivas com filhas que com filhos e que pais expressam mais raiva diante dos filhos do que diante das filhas. Ge, Conger, Lorenz, Shanahan e Elder (1995) apontam que existem diferenças de gênero e faixa etária na vulnerabilidade a perturbações psicológicas como ansiedade e depressão. Em pesquisa sobre a influência na perturbação

psicológica entre pais e filhos com 368 adolescentes, foi observado que meninos são mais suscetíveis durante a pré-adolescência e meninas são mais afetadas pela perturbação psicológica dos pais com o aumento da idade. Observou-se ainda que as mães e filhas são mais vulneráveis que os pais e filhos à perturbação de outros membros da família, indicando maior sensibilidade para o sexo feminino.

As pesquisas mencionadas apresentam a importância do modelo adulto no desenvolvimento da resposta de ansiedade da criança, e diferenças na resposta emocional de acordo com gênero. A Teoria da Aprendizagem Social aponta os pais como modelos de identificação na aquisição de respostas emocionais dos filhos, considera que existe influência das características dos modelos neste processo, e que, com o crescimento dos filhos, seu contato com outros grupos pode fornecer outros modelos de identificação que não os, dos pais, trazendo inovações em seu comportamento social e emocional.

Com base nestas referências foram investigados neste estudo as relações entre a ansiedade traço-estado de crianças e adolescentes e a ansiedade traço-estado de seus pais e mães, a partir das seguintes hipóteses:

- a) escores de ansiedade-traço e ansiedade-estado de filhos e filhas se correlacionam positivamente com escores de ansiedade-traço e ansiedade-estado de seus pais e mães;
- b) é maior a correlação entre a ansiedade-traço e ansiedade-estado de pais e filhos do mesmo sexo que de sexos opostos;
- c) as correlações acima são maiores para filhos e filhas de menor faixa etária.

## Método

### Sujeitos

Fizeram parte da amostra desta pesquisa 99 crianças e adolescentes, alunos de escolas estaduais da cidade de Porto Alegre. Foram incluídos na amostra os alunos que apresentaram suas escalas respondidas adequadamente, devolveram as escalas de ambos os pais respondidas adequadamente, e moravam com ambos os pais. Devido à dificuldade em relação ao retorno dos questionários dos pais dos adolescentes, não foi possível conseguir na amostra o mesmo número de adolescentes do sexo feminino e masculino. Mais especificamente participaram do estudo:

- 50 crianças, 25 meninas e 25 meninos, estudantes da quarta série do primeiro grau, de escolas estaduais de Porto Alegre, com idades entre 8 e 12 anos, morando com ambos os pais e possuindo de 1 a 4 irmãos.

- 49 adolescentes, 33 meninas e 16 meninos, estudantes da 8ª série do primeiro grau, de escolas estaduais de Porto Alegre, com idades entre 13 e 16 anos, morando com ambos os pais e possuindo de 1 a 4 irmãos.

- 99 pais e 99 mães das crianças e adolescentes que constituem a amostra.

### Instrumentos

A ansiedade traço-estado dos participantes adolescentes e dos pais e mães foi verificada através do Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE), de Spielberger, Gorsuch & Lushene, traduzido e adaptado para o português por Biaggio e Natalício (1979). O IDATE é composto de duas escalas de auto-relatório, contendo 20 afirmações cada uma. Uma escala mede a ansiedade-estado, pedindo que os sujeitos indiquem como se sentem num determinado momento, e a outra escala mede a ansiedade-traço, solicitando que o sujeito indique como geralmente se sente.

Para medir a ansiedade traço-estado dos participantes crianças foi utilizado o Inventário de Ansiedade Traço-Estado para Crianças (IDATE-C), de Spielberger, traduzido e adaptado por Biaggio (1983). Este instrumento foi elaborado para estudo e pesquisa da ansiedade, em crianças do primeiro grau escolar, e é constituído de duas escalas de auto-avaliação, com 20 afirmações cada uma, que pedem que a criança indique como se sente, em um determinado momento, medindo a ansiedade-estado, e como geralmente se sente, medindo a ansiedade-traço. Os itens do IDATE-C são semelhantes em conteúdo aos do IDATE, porém em formato simplificado. Dados sobre fidedignidade e validade, assim como padronização da forma brasileira, constam dos respectivos manuais dos inventários.

Para a aplicação das escalas de ansiedade-estado, foi proposto que os participantes respondessem a escala, de acordo com seus sentimentos quando junto à família, numa situação do dia-a-dia, possibilitando correlacionar os escores de ansiedade estado dos pais e filhos com certo controle da variável espaço de aplicação dos questionários, levando em conta que as crianças e adolescentes responderam as escalas na escola e seus pais em casa. Foi utilizado ainda um questionário, para levantamento de dados pessoais das crianças e adolescentes, para descrição da amostra.

### Procedimentos

As escalas de ansiedade IDATE e IDATE-C foram aplicadas, nas salas de aula, nos alunos de oitavas e quartas séries, em horários previamente combinados. Após apresentação dos instrumentos e solicitação de colaboração por parte dos alunos, foram distribuídas, para cada aluno, as escalas e mais um envelope, com os inventários que deveriam ser respondidos pelos pais. Todas as escalas de uma mesma família foram

numeradas, com um mesmo algarismo, de forma que fosse identificado, após devolução das escalas dos pais, qual a correspondência com as dos alunos. Questões referentes a dados de descrição pessoal, como idade, sexo, escolaridade, com quem mora, constaram no início dos inventários e no questionário das crianças, para posterior identificação dos pais e mães das crianças e descrição da amostra. Foi combinado com os alunos prazo para devolução das escalas respondidas em casa por ambos os pais, em geral o prazo dado foi de dois dias após o dia da aplicação nos alunos.

### Resultados e Discussão

Os resultados foram obtidos através de correlações de Pearson entre os escores de ansiedade traço-estado dos pais e mães e os escores de ansiedade traço-estado de seus filhos e filhas. Observou-se, através dos escores de ansiedade das crianças, adolescentes e seus pais e mães que a amostra se encontrava pareada em relação aos níveis de ansiedade e que poderiam ser consideradas dentro de um padrão de ansiedade normal quando verificadas em relação aos escores T padronizados dos manuais dos instrumentos.

Quando feitas correlações entre a ansiedade traço (AT) e a ansiedade estado (AE) das crianças, separadas por sexo, e a AT e AE de seus pais e mães, verificou-se que houve correlação positiva e significativa entre a ansiedade estado das crianças do sexo feminino e de suas mães ( $r = 0,40$ ;  $p < 0,05$ ), entre a ansiedade traço das crianças do sexo feminino e a ansiedade traço dos pais ( $r = 0,66$ ;  $p < 0,01$ ) e entre a ansiedade traço das crianças do sexo feminino e a ansiedade traço das mães ( $r = 0,56$ ;  $p < 0,01$ ). Considerando como Bandura (1977) que respostas emocionais, como ansiedade, são também aprendidas através da identificação com modelos e que na infância os principais modelos são os pais,

este resultado sugere que, para as crianças do sexo feminino desta amostra, há identificação de gênero na expressão da ansiedade estado, enquanto na constituição do traço parece haver influência de ambos os pais. Características dos modelos, como o sexo e o papel que estes exercem, seu valor funcional, e padrões de associação com o modelo influenciam a aprendizagem. Em nossa cultura, mesmo quando exercem atividades de trabalho fora do lar, as mães são as figuras mais próximas durante a infância, representando um papel central junto aos filhos. De acordo com pesquisa de Lampert e Friedman (1992), as mães em qualquer fase do casamento, têm um maior investimento na família que os pais, e o investimento é ainda maior quando os filhos são menores de 12 anos. Garner, Robertson e Smith (1997) acrescentam ainda que as mães expressam maior quantidade de emoções que os pais, tendo um importante papel na socialização da expressão emocional dos filhos. Pode-se levar em consideração ainda, que na faixa etária em que se encontram, as crianças do sexo feminino já estão se afirmando enquanto identidade feminina, podendo se aproximar ainda mais da figura parental do mesmo sexo. Segundo Garner, Robertson e Smith (1997) as mães são mais afetivamente positivas nas interações sociais com filhas que com filhos, o que permitiria uma maior proximidade entre mães e filhas, fazendo com que as filhas se identificassem emocionalmente com as mães e fossem afetadas pela sua expressão de ansiedade no contexto familiar. Pode-se considerar, a partir dos resultados, que as crianças do sexo feminino da amostra, avaliam eventos e baseiam suas experiências de acordo com suas mães, podendo expressar estados de personalidade, como o estado de ansiedade, de acordo com sua identificação com o mesmo sexo.

Na constituição da ansiedade-traço das crianças do sexo feminino, os resultados sugerem haver igual influência da ansiedade-traço de pais e mães. Spielberger (1972)

considera que a ansiedade-traço reflete diferenças individuais na percepção relativamente estável da ansiedade. Segundo ele é uma predisposição que envolve experiências passadas. Spielberger (1972) considera que as experiências infantis de interação pais e filhos estão envolvidas no desenvolvimento das diferenças individuais relativas à constituição do traço de ansiedade na criança. Garner, Robertson e Smith (1997) afirmam que mesmo não expressando igual quantidade de emoções que as mães, e gastando menos tempo com as crianças, a contribuição do pai na aprendizagem emocional dos filhos é igualmente importante. Gottman (1997) considera que o estilo de interação dos pais, inclusive na forma de brincar, mais físico e ruidoso que as mães, deve provocar fortes emoções na criança ajudando-a a se expressar emocionalmente e desenvolver o controle sobre as próprias emoções. Podemos entender o resultado, que indica uma correlação entre ansiedade traço das crianças com a ansiedade traço tanto da mãe como do pai, como sendo resultado do papel que ambos, pai e mãe, tem como modelos de identificação das crianças do sexo feminino desta amostra, em relação ao desenvolvimento do traço de ansiedade.

Observou-se ainda, entre os resultados, a correlação positiva e significativa entre a ansiedade traço das adolescentes do sexo feminino e a ansiedade traço de seus pais ( $r = 0,44$ ;  $p < 0,05$ ). O resultado sugere que na amostra de faixa etária maior, para as meninas, a identificação com o modelo paterno tende a se intensificar, na constituição do traço de ansiedade. Ge, Conger, Lorenz, Shanahan & Elder (1995) investigaram a influência mútua de perturbações psicológicas, como ansiedade, depressão e hostilidade, entre adolescentes e seus pais e mães. Seus resultados demonstraram que as medidas de perturbação psicológica das meninas adolescentes se correlaciona positivamente com as medidas dos pais, e que esta correlação aumenta com a idade das meninas. Os resultados mostraram ainda que as meninas são mais vulneráveis que os meninos às perturbações psicológicas dos outros membros da família. De acordo com Bandura (1977) características dos modelos e seu valor funcional são fatores que influenciam a aprendizagem emocional. O resultado encontrado parece sugerir que os pais das adolescentes da amostra devem possuir características que fazem com que sejam modelos na aquisição da percepção mais

**Tabela 1.** Correlações entre a ansiedade traço (AT) e ansiedade estado (AE) das crianças e adolescentes e a ansiedade traço e estado de seus pais e mães.

CORRELAÇÕES				
AMOSTRA	AT		AE	
	MÃES	PAIS	MÃES	PAIS
Crianças (n=50)				
AT	0,32*	0,35*	-	-
AE	-	-	0,36*	0,15
Adolescentes (n=49)				
AT	0,17	0,27	-	-
AE	-	-	0,06	0,03

\*  $P < 0,05$

estável da ansiedade, que constitui o traço de ansiedade. Levando em conta características biológicas, pode-se pensar também que os pais, movidos pela sua própria percepção de

ansiedade, respondem a uma possível predisposição para a ansiedade das filhas, de forma a contribuir para a formação de seu traço de ansiedade.

**Tabela 2.** Correlação entre ansiedade traço (AT) e ansiedade estado (AE) das crianças separadas por sexo e a ansiedade traço e estado de seus pais e mães.

CORRELAÇÕES				
CRIANÇAS POR SEXO	AT		AE	
	MÃES	PAIS	MÃES	PAIS
Meninos (n=25)				
AT	0,05	-0,07	-	-
AE	-	-	0,30	0,05
Meninas (n=25)				
AT	0,56*	0,66**	-	-
AE	-	-	0,40*	0,21

\* P<0,05

\*\* P<0,01

**Tabela 3.** Correlação entre ansiedade traço (AT) e ansiedade estado (AE) dos adolescentes separados por sexo e a ansiedade traço e estado de seus pais e mães.

CORRELAÇÕES				
CRIANÇAS POR SEXO	AT		AE	
	MÃES	PAIS	MÃES	PAIS
Meninos (n=16)				
AT	0,32	0,19	-	-
AE	-	-	0,15	-0,35
Meninas (n=35)				
AT	0,11	0,44*	-	-
AE	-	-	0,00	0,24

\* P<0,05

Quando feitas correlações, separando-se a amostra de crianças e adolescentes, observou-se que as correlações entre a ansiedade das crianças e de seus pais foram maiores que as correlações entre a ansiedade dos adolescentes e de seus pais, embora nem todas as correlações tenham sido significativas. Foram encontradas correlações positivas e significativas apenas na amostra de crianças entre a ansiedade traço das crianças e de seus pais e mães ( $r = 0,32$  e  $r = 0,35$ ;  $p < 0,05$ ) e entre a ansiedade estado das crianças e de suas mães ( $r = 0,36$ ;  $p < 0,05$ ). Bandura e Walters (1963) consideram que de acordo com o crescimento da criança podem ocorrer inovações no seu comportamento social devido ao seu maior contato com outros grupos que não a família. Na faixa de idade em que se encontra a amostra de crianças, entre 9 e 12 anos, os filhos podem ser considerados mais dependentes dos pais e tendo neles sua maior referência. Papini, Farmer, Clark, Micka e Barnett (1990) investigaram junto a 174 adolescentes, de 12 a 15, com quem eles costumavam conversar e fazer revelações sobre seus sentimentos. Seus resultados indicaram que os adolescentes na faixa de idade maior costumavam conversar sobre seus sentimentos mais com amigos que com os pais, enquanto os de 12 anos conversavam mais sobre seus sentimentos com seus pais, demonstrando que com o aumento da idade os adolescentes se afastam dos pais e se aproximam mais dos amigos. Os autores consideram que provavelmente os adolescentes mais velhos se aproximam e buscam conversar sobre seus estados emocionais com os amigos, pois estes provavelmente estão passando pelas mesmas mudanças e vivenciando sentimentos semelhantes. Essa maior proximidade e dependência por parte das crianças e a aproximação dos adolescentes a outros grupos explicariam as correlações positivas e significativas encontradas entre a ansiedade dos filhos e de seus pais na amostra de crianças, além das correlações maiores para esta amostra, em relação à amostra de adolescentes.

Observou-se que em nenhuma das correlações foram encontrados resultados significativos entre a ansiedade dos meninos e a ansiedade de seus pais e mães, tanto na amostra de crianças como na amostra de adolescentes. De acordo com Lampert e Friedman (1992), as diferenças sexuais e de gênero geralmente são explicadas em termos de aprendizagem social. Segundo elas entende-se que as normas permitam que as mulheres exibam mais suas emoções. As autoras consideram que também há explicações evolucionárias para tais diferenças, sendo que determinantes biológicos são base para as normas sociais. Dulton, Welb e Ryan (1994) apontam maiores medidas de respostas emocionais em mulheres que ouviram fitas onde estavam gravados conflitos entre pais e filhos. Papini, Farmer, Clark, Micka e Barnett (1990), em pesquisa sobre com quem os adolescentes conversam sobre seus estados emocionais, encontraram diferenças de gênero que indicaram que meninos conversam bem menos sobre seus sentimentos que meninas, seja com seus pais ou com amigos. De acordo com os autores, este resultado se deve ao fato de que meninos são socializados de forma diferente em relação à expressão de suas emoções. A expressão emocional não estaria associada ao papel masculino, enquanto para as meninas a expressão emocional facilita o desenvolvimento de relacionamentos sociais. Garner, Robertson e Smith (1997) também confirmam as diferenças na expressão emocional de homens e mulheres e na socialização emocional das crianças dependendo do gênero dos pais e dos filhos. Segundo eles pais e mães costumam conversar mais sobre emoções com suas filhas que com seus filhos. De acordo com eles, isso afetaria a modelação, pois esta ocorreria em conjunto com a conversação sobre emoções entre pais e filhos. Estes autores verificaram também que os homens parecem ser menos atentos a sua própria exposição emocional, e menos capazes de lembrar eventos emocionalmente relacionados

quando a emoção envolvida não é extrema. O fato de não ter havido correlações significativas entre os filhos do sexo masculino pode estar relacionado ao fato de que os meninos não percebem os pais e mães como modelos de influência na constituição do traço de ansiedade e da expressão do estado de ansiedade. Isso pode ter relação com diferenças de gênero em relação à socialização das emoções dos filhos por parte dos pais. Pode também estar relacionado a diferenças de gênero em relação à expressão emocional. Os meninos podem ser menos atentos às suas próprias emoções e estar menos acostumados a expressá-las. Deve-se considerar ainda as limitações dos instrumentos e possíveis dificuldades dos sujeitos em expressar e refletir sobre seus sentimentos durante a aplicação destes. Seria interessante que este estudo fosse complementado posteriormente com o uso de outros instrumentos, com abordagens mais diretas às interações familiares, e com amostras maiores. Mesmo assim espera-se ter contribuído para acrescentar informações sobre as relações entre a ansiedade de pais e filhos. De forma geral os resultados deste estudo sugerem que as filhas, quando em uma faixa etária menor, em geral mais dependentes da família, têm seus níveis de ansiedade mais relacionados aos níveis de ansiedade de seus pais e mães. Sugerem ainda que os meninos se desenvolvem de forma diferente das meninas em relação à expressão da ansiedade. Os filhos, independentemente da faixa etária, não têm seus níveis de ansiedade relacionados a de seus pais, ou por não perceberem os pais como modelos na aquisição da emoção ansiedade, ou por não expressarem seus sentimentos desta forma, o que pode estar relacionado com diferenças em relação a como os pais se expressam e lidam com sentimentos diante dos filhos e das filhas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDURA, A. & Walters, R. (1963). *Social Learning and Personality Development*. Holt, Rinehart and Winston, Inc. USA.
- BANDURA, A. (1977). *Social Learning Theory*. Prentice-Hall Inc. Englewood Cliffs, NJ.
- BIAGGIO, A. M. B. (1988). *Psicologia do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro. Petrópolis.
- CAPPS, L.; Sigman, M.; Sena, R. & Henker, B. (1996). Fear, anxiety and perceived Control in Children of Agoraphobic Parents. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, vol.37 nº4, 445-452.
- DUTTON, D.; Welb, A. N. & Ryan, L. (1994). Gender Differences in Anger/Anxiety Reactions to Witnessing Dyadic Family Conflict. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 26:3, 353-364.
- GABBARD, G. O. (1992). Transtornos de Ansiedade. *Psiquiatria Psicodinâmica na Prática Clínica*. Artes Médicas, Porto Alegre, 149-168.
- GARNER, P. M. C.; Robertson, S. & Smith, G. (1997). Preadolescent Children's Emotional Expressions with Peers: The Roles of Gender and Emotional Socialization. *Sex Roles: A Journal of Research*, vol 36, nº 11/12, 675-691.
- GE, X.; Conger, R.; Lorenz, F. O.; Shanahan, M. & Elder Jr., G. H. (1995). Mutual Influences in Parent and Adolescent Psychological Distress. *Developmental Psychology*, vol.31, nº 3, 406-419.
- GOTTMAN, J. (1997). O Papel Crucial do Pai. *Inteligência Emocional e a Arte de Educar Nossos Filhos*. Editora Objetiva LTDA., Rio de Janeiro, 167-188.
- GUSTAVSSON, J. P.; Pedersen, N. L.; Asberg, M. & Schalling, D. (1996). Origins of individual differences in anxiety proneness: a twin/adoption study of the anxiety-related scales from Karolinska Scales of Personality (KSP). *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 93: 460-469.
- KASHANI, J.H.; Vaydia, A.F.; Soltys, S.M.; Dandoy, A. C.; Katz, L. M. & Reid, J.C. (1990). Correlates of Anxiety in Psychiatrically Hospitalized Children and

- their Parents. *American Journal of Psychiatry*, 147:3, march 319-323.
- LAMPERT, A. & Friedman, A. (1992). Sex Differences in Vulnerability and Maladjustment as a Function of Parental Investment: An Evolutionary Approach. *Journal of Social Biology*, Spr-Sum vol.39 (1-2), 65-81.
- LIPP, M. E. N. (1989). Atitudes Parentais e o Desenvolvimento de Resistência ao Estresse. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 4, n. 1/2, 91-96
- MAY, R. (1977). *O Significado de Ansiedade*. Zahar Editores S., Rio de Janeiro.
- MURIS, P.; Steerneman, P.; Merckelbach, H. & Meesters, C. (1996). The Role of Parental Fearfulness and Modeling in children's fear. *Behavior Research and Theory*, vol. 34, nº 3, 265-268.
- PAPINI, D. R.; Farmer, F. F.; Clark, S. M.; Micka, J. C. , Barnett, J. K. (1990). Early Adolescent Age and Gender Differences in Patterns of Emotional Self Disclosure to Parents and Friends. *Adolescence*, vol. XXV, nº 100, winter, 960-976.
- SPIELBERGER, C. D. (1983). *Inventário de Ansiedade Traço-Estado para Crianças*. (Tradução e adaptação Angela Biaggio), Rio de Janeiro, CEPÁ.
- SPIELBERGER, C. D. , Gorsuch, R. L & Lushene, R. E. (1971/1979). *Inventário de Ansiedade Traço-Estado*. (Tradução e adaptação Angela M. B. Biaggio e Luiz Natalício), Rio de Janeiro, CEPÁ.
- SPIELBERGER, C. D. (1972). *Anxiety: Current Trends in Theory on Research..* Academic Press, New York.
- TECHMAN, Y.; Rafael M. B. & Gilaie, H. (1990). Personal and Interpersonal Determinants of Children's Anxiety. In: Spielberger, C., D. ; Diaz-Guerrero, R. *Cross-Cultural Anxiety*, vol. 4. Hemisphere Publishing Corporation, USA.